

BNCC e Educação Socioemocional: a Disciplina Positiva como uma abordagem educacional

Larissa Cardoso Beltrão¹

Fabiano José Ferreira Arantes²

Resumo

O artigo *BNCC e Educação Socioemocional: a Disciplina Positiva como uma abordagem educacional* tem como objetivo discutir, à luz das neurociências, uma nova abordagem socioeducacional que traga para as escolas a importância da educação emocional, assunto tão recorrente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sendo abordado também a neuroeducação a luz de estudos como o de Luiz Felipe Barbosa (2021), complementando a perspectiva desse trabalho. Nesse sentido, buscamos conceituar e apresentar a definição de Disciplina Positiva (DP), idealizada pela Dra. Jane Nelsen, segundo a qual a DP nasceu de suas inquietações ao sentir-se, constantemente, navegando entre dois extremos. Ora agia de maneira muito autoritária e, pouco tempo depois, sentia raiva de si por ter sido tão ríspida. Ora, para fazer as pazes com os filhos, ia para o outro extremo, agia com permissividade e isso fazia com que ela sentisse raiva de seus filhos, pois sentia que, nesses momentos, eles agiam com tirania. Jane Nelsen, a precursora desses estudos, começou a pensar em um modelo de educação no qual o adulto pudesse agir com firmeza, mas, ao mesmo tempo, pudesse se comunicar, ou seja, posicionar-se de forma gentil. E foi assim que nasceu a DP, baseada na filosofia e nos ensinamentos de Alfred Adler (1967) e Rudolf Dreikurs (1964). A teoria defende o uso de ferramentas que são, ao mesmo tempo, gentis e firmes e que ensinam habilidades sociais e de vida. À luz dos estudos conduzidos por Nelsen (2015), atentos às habilidades propostas pela BNCC (2018), utilizaremos as pesquisas realizadas por neurocientistas como Siegel (2015), com vistas a evidenciar a necessidade de se ofertar uma educação que considere a saúde emocional do educando e que promova habilidades de respeito mútuo, cooperação, criatividade e foco nas soluções.

Palavras chave: Disciplina positiva; BNCC; neurociência; neuroeducação; inteligência emocional.

¹ Aluna do 8º período de Pedagogia do IF Goiano, campus Campos Belos.

² Professor orientador.

Abstract

The article *BNCC and Socioemotional Education: Positive Discipline as an educational approach* aims to discuss, in the light of neurosciences, a new socio-educational approach that brings to schools the importance of emotional education, a subject so recurrent in the National Common Curricular Base (BNCC). Neuroeducation is also approached in the light of studies such as Luiz Felipe Barbosa (2021), complementing the perspective of this work. In this sense, we seek to conceptualize and present the definition of Positive Discipline (PD), idealized by Dr. Jane Nelsen, according to which PD was born from her concerns when she felt herself constantly navigating between two extremes. Sometimes she acted very authoritatively, and a short time later she was angry with herself for being so harsh. Now, to make peace with her children, she would go to the other extreme, act with permissiveness and this made her feel angry with her children, because she felt that, in those moments, they acted with tyranny. Jane Nelsen, the forerunner of these studies, began to think of a model of education in which the adult could act firmly, but at the same time, could communicate, that is, position himself in a gentle way. And that's how PD was born, based on the philosophy and teachings of Alfred Adler (1967) and Rudolf Dreikurs (1964). The theory advocates the use of tools that are both gentle and firm and that teach social and life skills. In light of the studies conducted by Nelsen (2015), attentive to the skills proposed by the BNCC (2018), we will use research carried out by neuroscientists such as Siegel (2015), in order to highlight the need to offer an education that considers the emotional health of the child, educating and that promotes skills of mutual respect, cooperation, creativity and focus on solutions.

Keywords: Positive discipline; BNCC; neuroscience; neuroeducation; emotional intelligence.

Introdução

O advento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) instaurou um novo tempo na educação escolar brasileira. A BNCC pode ser compreendida como um documento no qual conta, de forma orgânica, as aprendizagens que os estudantes de todo o país devem desenvolver nos anos nos quais frequentam cada uma das etapas da Educação Básica.

Outrossim, com vistas a fomentar, bem como garantir, a formação integral do indivíduo, o documento em questão prevê o desenvolvimento de competências e habilidades que facultem a articulação dos componentes curriculares em paralelo com o aspecto socioemocional, ou seja, para além do ensino técnico, busca-se o conhecimento acerca de questões como: vínculos sociais e afetivos; vida e trabalho; e expressão de sentimentos.

Diante do exposto, o presente artigo nasce de uma leitura atenta da obra *Disciplina Positiva em sala de aula: como desenvolver respeito mútuo, a cooperação e a responsabilidade em sala de aula*, escrita, originalmente em inglês, por Jane Nelsen, Lynn Lott e H. Stephen Glenn com tradução de Bete P. Rodrigues e Fernanda Lee.

Nesse contexto, diante das transformações que marcam as últimas décadas nas mais variadas esferas, dentre elas a Educação, como vimos acima, a BNCC enfatiza a necessidade de uma educação socioemocional, destarte, dentre as dez competências gerais estabelecidas pelo documento em foco, destacamos as número 08 (oito) e 09 (nove) que sugerem, nessa ordem, autoconhecimento e autocuidado e empatia e cooperação. As quais, como evidenciamos ao longo dessa pesquisa, permeiam a abordagem proposta por Nelsen (2015) no livro supracitado.

A nova escola sugere a partir de então, o que a *Disciplina Positiva em sala de aula* fomenta acerca de duas décadas: a educação compreendida a partir da metáfora de um trilho de trem, no qual de um lado está o conhecimento acadêmico, e do outro, não menos importante, o desenvolvimento socioemocional.

Como veremos no decorrer deste trabalho, a disciplina Positiva nos convida a um modelo de educação que leve em consideração as emoções de todos os sujeitos envolvidos no processo de educação: professores e todos os educadores que circulam pelo ambiente escolar, dos alunos e também de seus familiares. Estamos, portanto, diante de um modelo educacional considerado “ganha-ganha”, uma vez que preza pelo bem estar de toda a comunidade escolar, tendo como princípios a cooperação e o respeito mútuo.

As reflexões aqui apresentadas estão embasadas nos estudos de Alfred Adler (1967) e Rudolf Dreikurs (1964), os grandes influenciadores de Jane Nelsen (2015). Com vistas a

discorrer sobre o nascimento dessa nova escola, seguimos atentos às habilidades propostas pela BNCC (2018), e evidenciaremos a relevância dessa nova abordagem através dos estudos da neurociência, tendo como principal referência Daniel Siegel (2015).

1.0 O que é Disciplina Positiva?

Bem como expusemos no tópico anterior, este trabalho de pesquisa objetiva apresentar a Disciplina Positiva como uma abordagem socioeducacional através da qual as escolas pautem seu processo de ensino-aprendizagem nas habilidades, já citadas acima, propostas pela Base Nacional Comum Curricular – a BNCC.

Desse modo, antes adentrarmos ao tema Disciplina Positiva (DP), em sala de aula, julgamos relevante fazer uma breve apresentação desta abordagem de ensino/educação. Nesse sentido, a fim de que possamos definir a DP, é relevante apresentar o que também não é, bem como mencionar algumas questões que fizeram surgir essa abordagem.

É importante ressaltar ainda que esta é a definição elaborada por Nelsen (2015, p. 05), segundo a qual, depois de muitos anos de atendimentos e pesquisas, são três os modelos de interação entre adultos e crianças. Nesse sentido, ao considerar que no cerne desta questão está a relação professor-aluno, ou seja, adulto-criança, apresentamos a seguir um quadro no qual consta um resumo das principais formas de interação, adulto-criança, apontadas pela autora.

Tabela 1.1 – As três principais abordagens para a interação adulto criança³

| | |
|------------------------------|---|
| Rigidez (controle excessivo) | Ordem sem liberdade; Sem escolhas; “Você faz isso porque eu mando!”. “Você não tem querer!”. |
| Permissividade (sem limites) | Liberdade sem ordem; Escolhas ilimitadas; “Você pode fazer o que quiser”. |
| | Liberdade com ordem; |

³ Tabela publicada na obra Disciplina Positiva, o guia clássico.

| | |
|---|--|
| Disciplina Positiva (autêntico: gentileza e firmeza ao mesmo tempo) | Escolhas limitadas; “Você pode escolher dentro dos limites que demostrem respeito por todos”. |
|---|--|

Fonte: adaptada de Nelsen 2015

As abordagens supracitadas colocam-nos diante de duas realidades, a educação outrora ofertada e a estrutura na qual ela esteve pautada, e também a educação do mundo hodierno, as quais refletem as mudanças estruturais vividas pela sociedade sociedade, e por conseguinte na sala de aula, ao longo dos últimos anos.

Não obstante, o panorama em questão sugere uma reflexão sobre o que acontece a longo prazo quando se escolhe educar a partir de cada uma das abordagens apresentadas acima. Nelsen (2015, p. 2) afirma “A liderança e orientação por parte do adulto são muito importantes. No entanto, as crianças merecem ser tratadas com dignidade e respeito”.

Ponderar sobre tal afirmação, nos leva a compreender o contexto de surgimento de tais abordagem, pois no caso de relacionamentos verticais, quando pais e/ou professores dão as ordens e as crianças apenas obedecem, há a orientação do adulto, mas a criança perde a sua dignidade, ou seja, um ganha e o outro perde.

No âmbito escolar, ao frequentar escolas que usam da punição e da recompensa, os alunos não aprendem a cooperar e decidir, pois sempre há quem faça isso por elas. Desse modo, anos mais tarde, pode ser que estejamos diante de um adulto que, embora atuando no mercado de trabalho, seja um indivíduo sem iniciativa, ou que apenas reproduza o comportamento autoritário de seus professores.

No outro extremo, a crianças que frequentam unidades escolares com características permissivas, onde não há limites e regras, podem até ser respeitadas, mas não recebem orientação. Nesse caso, o estudante, aparentemente é respeitado, enquanto o adulto perde sua autoridade e, por conseguinte capacidade de orientação.

Os casos supracitados atestam para as falhas que acontecem no modelo educacional no qual alguém sempre sai em desvantagem, numa metáfora que faz parte da dinâmica escolar, literalmente, um cabo de guerra. Por outro lado, na medida em que se estuda educação socioemocional, tem-se a comprovação de que para se desenvolverem saudáveis, acadêmica e emocionalmente, as crianças necessitam de orientação e encorajamento.

A Disciplina Positiva surgiu, justamente, a partir dessa observação. Idealizada pela Dr^a Jane Nelsen, terapeuta familiar, mãe de 07 filhos, segundo quem a DP nasceu de inquietações suas, uma vez que sentia-se, constantemente, navegando entre os dois extremos. Como já

mencionado, ora agia de maneira muito autoritária e, pouco tempo depois, sentia raiva de si por ter sido tão ríspida.

Assim, na tentativa de corrigir o suposto erro e fazer as pazes com os filhos, ia para o outro extremo, agia com permissividade trazendo-lhe sentimento de raiva sobre seus filhos, pois nesses momentos eles se tornavam tiranos, queriam governar e assumir o controle do processo.

Nesse contexto, aluna do curso de Psicologia e fundamentada nos estudos de Alfred Adler e Rudolf Dreikurs, ela começou a pensar num modelo de educação no qual o adulto pudesse agir com firmeza, mas que pudesse comunicar-se, ou seja, posicionar-se de forma gentil. E foi assim que nasceu a DP que, posteriormente, expandiu-se para aplicação no ambiente escolar.

A Disciplina Positiva é baseada na filosofia e nos ensinamentos de Alfred Adler e Rudolf Dreikurs, e está pautada no uso de ferramentas que são, ao mesmo tempo, gentis e firmes e que ensinam valiosas habilidades sociais e de vida. “O modelo da Disciplina Positiva é baseado em respeito mútuo, cooperação e foco nas soluções”. (NELSEN, 2015 p. 19).

Com base em seus estudos, Jane Nelsen (2015) compreendeu que, por mais difícil que o comportamento da criança pudesse parecer, o que ela queria expressar na verdade era “sou criança, preciso pertencer”, um necessidade de grande relevância nos anos que marcam a passagem do jovem estudante pela educação básica. Ao buscar despertar nos professores a importância de se desenvolver um senso de aceitação e importância, ela evidenciou, através de pesquisas que “Nenhum dos estudantes que mataram colegas ou professores se sentiam importantes e pertencentes ao grupo” (NELSEN, 2015, p. 17).

Ao (re) conhecer que os alunos, desde a mais tenra idade, são seres humanos e, portanto, têm essa necessidade de sentirem-se aceitos e importantes, coloca em cena a relevância de se desenvolver, em sala de aula, uma atmosfera de cooperação e respeito, onde todos os alunos, em suas particularidades, sejam tidos como importantes na rotina daquele ambiente.

De posse da informação de que o objetivo primário de todo ser humano é ser amado e sentir-se pertencente, no tópico seguinte falaremos sobre a Disciplina Positiva em sala de aula, bem como da proeminência da promoção de práticas educacionais que, a partir da cooperação e respeito mútuo, desenvolvam nos alunos o sentimento de pertencimento e importância.

2. Disciplina Positiva em sala de aula: um modelo de encorajamento

Como mencionarmos anteriormente, baseada no trabalho de Alfred Adler e Rudolf Dreikurs, a Disciplina Positiva em sala de aula tem como objetivo encorajar professores e alunos a tornarem-se responsáveis, respeitosos e resilientes, uma vez que suas ferramentas fomentam o acesso a recursos para solucionarem problemas por toda a vida.

Estamos, portanto, diante de um modelo educacional que vê os erros como possibilidade de aprendizagem e não como algo que precisa ser punido e evitado. Como seu foco não está no problema, mas sim na solução, busca desenvolver nos alunos habilidades de vida, por isso os alunos sentem-se parte integrante do processo. Vejamos:

DUAS ESCOLAS OPOSTAS DE PENSAMENTO SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO⁴

Terry Chadsey e Jady Mc Vittie, treinadores certificados em Disciplina Positiva

| | | |
|---|---|--|
| | Prática tradicional dominante nas escolas norte-americanas | Abordagem da Disciplina Positiva (focada em soluções) |
| Quem desenvolveu a teoria? | A prática comum, Pavlov, Thorndike, Skinner | Adler, Dreikurs, Glasser, Nelsen, Lott, Dinkmeyer |
| De acordo com a teoria, o que motiva o comportamento das pessoas? | Elas respondem a recompensa e punição no seu ambiente | As pessoas procuram um senso de aceitação (conexão) e importância (significado) no seu contexto social |
| Quando influenciamos mais o comportamento dos outros? | No momento em que respondemos a um comportamento específico | Em uma relação contínua fundamentada em respeito mútuo |
| Quais são as ferramentas mais poderosas para os adultos? | Recompensas, incentivos e punições | Empatia, compreensão das crenças do aluno, habilidade de resolução de problema de forma colaborativa e acompanhamento firme e gentil |
| Qual é a resposta para o comportamento inadequado? | Censura, isolamento e punição | Conexão antes da correção, foco em soluções, acompanhamento e lidar com a crença por trás do comportamento |
| Qual é a resposta para o comportamento perigoso e destrutivo? | Censura, isolamento e punição | Garantir segurança, seguida de um plano para assumir erros e repará-los |
| Como a aprendizagem do | Quando o adulto tem | Quando o aluno aprendeu |

⁴ Tabela publicada no livro *Disciplina Positiva em sala de aula*.

| | | |
|----------------|---|---|
| aluno aumenta? | controle efetivo sobre o comportamento do aluno | habilidades socioemocionais, desenvolveu autocontrole, sente-se conectado com os outros e faz contribuições na sala de aula |
|----------------|---|---|

Fonte: adaptada de Nelsen 2015

Como é possível verificar, o quadro acima é autoexplicativo, a partir das informações contidas nele vemos uma exposição do que acontece com os alunos, em cada uma dessas escolas, bem como quais são os efeitos a curto e longo prazo. Nesse contexto, a Disciplina Positiva em sala de aula ao promover o encorajamento, busca lembrar a todos os alunos que todas as pessoas são boas em alguma coisa.

O quadro evidencia, nesse sentido, o fato de as escolas da prática tradicional dominante terem sua rotina pautada em punições e recompensas, nas quais os alunos agem de acordo com as regras não porque sentem que é algo necessário para organização do espaço, mas sim por medo de serem punidos.

Não obstante, a consequência da combinação de censura, isolamento e punição é o denominado “Os quatro R a punição”, enumerados por Nelsen (2015):

1. Ressentimento – “Isso não é justo. Eu não posso confiar nos adultos”.
 2. Retaliação – “Eles estão ganhando agora, mas eu vou me vingar”.
 3. Rebeldia - “Eu vou fazer exatamente o contrário para provar que eu não tenho que fazer do jeito deles”.
 4. Recuo – a) Dissimulação: “Eu não vou ser pego da próxima vez”
b) Redução da autoestima: “Eu sou uma pessoa ruim”.
- (NELSEN, 2015, p. 10)

Dessa forma, se de um lado vimos o que acontece, do lado de dentro, com as crianças que são educadas a partir das ideias de punição e recompensa, do outro a Disciplina Positiva considera a educação integral do ser humano – corpo, mente, alma e emoções – ela reconhece o ser humano, desde a infância, a partir desses quatro pilares. Ademais, por considerar os erros como oportunidade de aprendizagem, seu foco está nas soluções.

À vista disso, ao discorrer sobre os efeitos da punição e recompensa, a autora salienta que à princípio essas ações interrompem instantaneamente o comportamento desafiador, contudo, à longo prazo, suas consequências são devastadoras. Assim, ao pensarmos uma escola que, segundo a BNCC, objetiva formar para o mundo do trabalho, tal abordagem precisa ser repensada.

Por esta razão, Jane Nelsen (20015, XXIII) afirma: “Muitos desafios de comportamento

que frustram pais e professores poderiam ser mudados se os adultos mudassem primeiro”. Criados a partir da ideia de punição e recompensa, a expectativa é projetada no outro, por isso, não obstante, na prática docente, observa-se professores, esperando que os alunos desenvolvam habilidades socioemocionais que nem eles próprios desenvolveram ainda.

Outro aspecto importante nesse contexto de comparação dos métodos é que, no behaviorismo o adulto diz o que a criança deve fazer e como consequência, de fazerem ou não, o aluno é punido ou recompensado. Esse modelo de ensino está pautado apenas no comportamento do aluno, enquanto a Disciplina Positiva considera, e investiga, a crença por trás do comportamento. Assunto sobre o qual discorreremos no tópico seguinte.

2.1 À luz da neurociência: um novo olhar sobre o comportamento das crianças

Nas duas últimas décadas, as investigações neurológicas sobre o desenvolvimento do cérebro provocaram transformações significativas em diversos segmentos, dentre eles a educação. As pesquisas revelam, por exemplo, que há uma correlação entre um ambiente de aprendizagem rico e o aumento das sinapses, que podem ser compreendidas como as conexões entre as células cerebrais. Ou seja, as evidências neurocientíficas comprovam que o ambiente favorece o processo de ensino-aprendizagem.

Considerando, pois, que se experimenta, ainda hoje, no que diz respeito à educação formal a estrutura educacional da última metade do século XIX, tem-se na atualidade a necessidade de implementar, no campo pedagógico, as transformações provocadas pelas descobertas realizadas nos últimos 20 anos na (neuro)ciência.

Nas duas últimas décadas, as descobertas acerca do funcionamento do cérebro apontam as habilidades socioemocionais como um marco significativo para o desenvolvimento acadêmico. Esses estudos asseguram o quanto relevante que a escola do tempo presente passe a ofertar em seu currículo uma educação que proporcione o desenvolvimento de tais habilidades.

Nesse viés, Siegel e Bryson (2015) afirmam que:

Precisamos ajudar as crianças a compreenderem que as nuvens de suas emoções podem (e vão) passar. Elas não se sentirão tristes, com raiva, magoadas ou solitárias para sempre. Esse é um conceito difícil de entender no começo. Quando ficam magoadas ou assustadas, às vezes é difícil perceberem que não sofrerão para sempre. Enxergar a longo prazo não costuma ser fácil para um adulto, imagine para uma criança pequena. (SIEGEL; BRYSON, 2015, p. 151).

Mediante ao exposto, é possível pensar na ideia de um letramento socioemocional, no qual os alunos aprendem na prática, a lidar com as emoções primárias reconhecendo como e

quando elas chegam e quais são, inclusive, os sintomas físicos que cada uma delas provoca. Como Siegel e Bryson (2015) afirmam, muitas vezes os adultos esperam que as crianças desenvolvam, sem aprender sobre, habilidades que nem os próprios adultos ainda desenvolveram.

Ademais, ainda seguindo a linha de pensamento de Siegel e Bryson (2015), a ideia de letramento socioemocional pode ser materializada a partir das concepções do próprio de Daniel Siegel com seu método “o cérebro na palma da mão”⁵, no qual ele propõe o processo de construção das escadarias do cérebro. De acordo com ele, a fim de que seja possível transitar de da margem rígida à margem flexível do cérebro; bem como de um andar ao outro, o de baixo considerado primitivo ao superior, chamado de arejado, é necessário trabalhar a ideia de cérebro por inteiro, a fim de que seja possível realizar a chamada regulação emocional.

Ao falar sobre a importância do cérebro nesse processo Luan Felipe Barbosa (2021) afirma “O cérebro humano é uma estrutura anatomorfológicamente complexa que tem a responsabilidade de controlar todo o funcionamento do corpo humano, inclusive a maneira com que aprendemos” (BARBOSA, 2021, p. 43). Ao considerarmos, portanto, a relação entre cérebro e educação, estamos, pois diante de um novo conceito, o de neuroeducação, sobre o qual abordaremos no tópico a seguir.

2.2 Neurociência e Neuroeducação: as conexões cerebrais e o processo de ensino aprendizagem

O advento das neurociências impactou os estudos em diversas áreas, dentre elas a educação e, nesse âmbito, olhar o cérebro do lado de dentro facultou aos cientistas observar e, posteriormente comprovar, como acontece o processo de ensino-aprendizagem. Sobre esse assunto, Barbosa (2021) assinala:

Na medida em que o desenvolvimento das neurociências – em especial a partir da década de 1990, com o advento das neuroimagens – possibilitaram um maior entendimento do cérebro humano em funcionamento, ou seja, ainda vivo e trabalhando, permitindo um emaranhado de informações acerca de como o cérebro aprende, quais as principais funções acionadas durante a aprendizagem e, de forma mais incisiva, como se pode treinar o cérebro para que tais capacidades sejam potencializadas. (BARBOSA, 2021, p. 43).

Desse modo, com base nas experiências supracitadas, a partir da década de 1990

⁵ Link para o vídeo no qual Daniel Siegel explica o que ele convencionou chamar de o cérebro na palma da mão. <https://www.youtube.com/watch?v=Wk4apacmQxg>

passou-se a trabalhar com conceitos como o de neuroplasticidade, de acordo com o qual “é possível inferir que todo ser humano dotado de um cérebro é capaz de aprender” (BARBOSA, 2021, p. 46). Contudo, o autor faz uma observação relacionada às capacidades e limitações de cada indivíduo, suas capacidades cognitivas prévias, bem como os estímulos e, por fim, os métodos de ensino.

Outrossim, Tokuhama- Espinosa (2008), acredita que a Neuroeducação tem por objetivo abordar, numa mesma perspectiva, o conhecimento e a inteligência, com vistas a integrar três grandes áreas: a Psicologia, a Educação e as Neurociências, com a finalidade de explicar os comportamentos de aprendizagem.

Nesse contexto, a neuroeducação busca explicações nas várias esferas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, sobretudo no que diz respeito ao papel das emoções no aprendizado, bem como nas tomadas de decisão o que corrobora, mais uma vez, para a necessidade de se ofertar uma educação que esteja voltada também para o desenvolvimento das competências socioemocionais.

2.3 O comportamento humano e a analogia do *iceberg*,

Se de um lado grande parte das abordagens educacionais voltam seus olhares apenas para a ponta do iceberg, ou seja, para o comportamento, do outro a DP volta seu olhar para a parte visível, a ponta, para chegar a parte que fica debaixo da água. De acordo com Rudolf Dreikurs (1964), um dos grandes precursores dessa corrente “Uma criança precisa de encorajamento como uma planta precisa de água. É essencial para o crescimento e desenvolvimento saudáveis”.

Dreikurs (1964) afirma que uma criança que se comporta mal é uma criança desencorajada, ou seja, quando não se sentem aceitas e importantes elas se comportam mal, pois acreditam, de forma equivocada, que a atenção negativa é melhor do que a hostilidade.

Ancorada nesse pensamento, Nelsen (2015) sugere a analogia do comportamento humano a partir da metáfora do *iceberg*. Como mostramos na imagem a seguir, para a autora o mau compartimento é apenas a parte visível desse processo, ou seja a parte visível do problema, aquilo que é possível ver: as birras, a (auto)violência, a dificuldade de concentração, os problemas de convivência, a privação do sono, enfim, os inúmeros desafios que marcam o cotidiano das escolas de educação infantil.

Para além da ponta do iceberg, na camada submersa, na raiz do mau comportamento, outrossim, na parte submersa está a falta do senso de aceitação e importância. A criança que se

menosprezada e/ou excluída passa a apresentar alguns sinais visíveis que, quando analisados e compreendidos, podem levar à causa do mau comportamento, ou seja, o que está submerso.

O comportamento humano sob a metáfora do iceberg:



⁶Fonte: adaptada de Nelsen 2015

Sob uma abordagem behaviorista, na ponta do iceberg está a parte visível a qual tenta-se eliminar: choro, violência, explosões de raiva, negatividade, problemas de sono, falta de concentração, desinteresse, indisciplina, dentre outros.

Numa abordagem positiva, busca-se a observância desses comportamentos como o ponto de partida para a compreensão das crenças por trás desse comportamento: sono, tristeza, baixa autoestima insegurança, desvalorização, mágoa, medo, vergonha, desilusão, frustração, culpa, fome, necessidade de pertença, dentre outros.

Sendo assim, ter um olhar voltado ao aluno além do comportamento propõe reflexões sobre questões inerentes ao cotidiano escolar, como a seguinte: o aluno X, ele é, realmente desinteressado ou está apenas com fome? Reconhecer que a fome é um gatilho capaz de desconcentrar é o suficiente para que se compreenda que concentrar-se em quaisquer atividades quando se tem fome, vai contra a natureza humana.

Considerando, pois, as peculiaridades experimentadas pelas unidades escolares nas quais há alunos transportados da zona rural para a zona urbanas, as quais recebem em suas salas, por exemplo, alunos que saem de casa 03/04hs da manhã, entram na escola às 07hs, estudam até às 12hs e só chegam em casa por volta das 16hs.

Nesse contexto, surge anseios como relacionados à merenda escolar. Será que a comida ofertada na escola, no período em que o aluno ali está, é suficiente? Assim, quando a escola não considera que a nutrição, assim como o sono e atividade física são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, surge um grande problema no ambiente educacional.

⁶ Imagem retirada do livro Disciplina Positiva em sala de aula, p. 17.

E como resolver situações como esta? “Em uma sala de aula na qual a Disciplina Positiva é aplicada, os alunos resolvem problemas juntos e aprendem as ferramentas de respeito mútuo, cooperação e colaboração”. (NELSEN, LOTT, GLENN, 2017, p. 25). Quando um problema é diagnosticado, alunos e professores, juntos, partirão em busca de soluções que sejam razoáveis, respeitadas e úteis.

Ante o exposto, podemos dizer que, numa abordagem tradicional, focada apenas no comportamento, o aluno x, que é transportado, pode ser rotulado de desinteressado, pois não tem capacidade de concentração. Nesse caso, o que se considera é tão somente que este aluno não rende o esperado, ele está abaixo da média.

Numa outra perspectiva, considerando pois, que a Disciplina Positiva tem como premissa o foco em soluções, em casos como o apresentado acima, seria alvo de resolução de problema de forma colaborativa. Se as crianças precisam ser transportadas para a escola e essa jornada é longa, de que maneira a comunidade escolar pode solucionar o problema?

Para além de uma questão global que envolve em sua estrutura o problema do transporte escolar no Brasil, a Educação do Campo e todas as questões que cerceiam essa questão, é crucial que a escola pense nas situações inerentes ao seu cotidiano. Assim, ao serem convidados a resolver assuntos de seu dia-a-dia, os alunos são marcados pelo sentimento de pertencimento que, segundo Nelsen (2015), é a primeira necessidade do ser humano, sentir-se pertencente, acolhido, parte do processo.

3. Base Nacional Comum Curricular, educação socioemocional e Disciplina Positiva: diálogos possíveis

Pautada nas competências socioemocionais abordadas pela Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning⁷ (CASEL) a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sugere que, na Educação Básica, os estudantes tenham fomentado o desenvolvimento das seguintes competências: autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável.

Diante da proposta de seguir a linha da CASEL, a BNCC é norteada por dez competências gerais que regem a Educação Básica Brasileira, são elas:

⁷ Colaborativo para Aprendizagem Acadêmica, Social e Emocional, é uma instituição colaborativa voltada para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais de alunos da educação básica.

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Conforme podemos nos assegurar a partir da leitura, as competências de 08 (oito) a 10 (dez) estão, mais especificamente, voltadas para o desenvolvimento das habilidades sociais que vimos citando ao longo desta pesquisa. Tem-se, nessa linha de pensamento, a consolidação da metáfora do trilho do trem sugerida por Nelsen (2015), a qual discorre sobre a importância desse letramento emocional, enfatizando o quanto é necessário que a escola avance no que diz respeito ao ensino dessas competências voltadas para o sentir.

Considerando, pois, o contexto no qual estamos inseridos, pensar numa escola que promova saúde emocional é (re)conhecer que apenas dominar a técnica não é suficiente, uma vez que no exercício de qualquer profissão é necessário, antes de tudo, conviver. Assim, a competência de número 08 (oito), busca fomentar a necessidade de conhecer a si mesmo e a seus limites para que, desse modo, o estudante seja capaz de conviver em ambientes diversos e plurais, de modo que, a partir do conhecimento de si, seja capaz de compreender e respeitar a diversidade humana.

No que diz respeito à competência 09 (nove), percebe-se que visa estimular o o exercício da empatia proporcionando, nesse interim, a formação de seres humanos comprometidos com a resolução de conflitos. Sendo assim, ao invés de promover a competição, tem-se um ambiente voltado para cooperação, no qual há a promoção do respeito ao outro, bem como dos direitos humanos.

Por fim, a competência número 10 (dez) assinala o desenvolvimento de valorosas habilidades de vida de modo que, ao assumir o compromisso de formar pessoas com senso de coletividade, responsabilidade, altruísmo, flexibilidade e tantas outras características positivas, a escola propõe uma formação que vai muito além do conhecimento técnico.

Retomando às ideias de Paulo Freire (1974), a BNCC propõe o processo de ensino-aprendizagem diferente da chamada Educação Bancária, na qual é importante destacar nesse sentido que, como assinala o documento de referência o conceito de competência assentido pela BNCC é fruto de discussões realizadas ao longo das duas últimas décadas, sendo legitimado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), sobretudo nos artigos 32 e 35, uma vez que os mesmos ressaltam as finalidades gerais dos Ensinos Fundamental e Médio.

4. Disciplina Positiva em sala de aula: um olhar para o futuro

Ao longo deste trabalho buscamos discorrer acerca da relação entre as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que diz respeito à educação socioemocional. Assim, correlacionando-as à abordagem proposta pela Disciplina Positiva (DP) que, neste trabalho, fora apresentada como uma metodologia que visa o desenvolvimento de habilidades de vida, diferente das práticas tradicionais que, por estarem focadas no momento presente, usam de punição e recompensa.

Conjeturando, nesse sentido, a maneira como a infância e, por conseguinte, a criança e

considerada hoje, faz-se necessário que a escola a compreenda como ser social, digna de direitos e que, portanto, deve ser respeitada em seus processos de ensino-aprendizagem. Outrossim, surge nesse contexto a demanda por uma metodologia educacional que preze pela formação integral do sujeito, voltada para resultados a longo prazo.

Porquanto, longe da ideia de punir para interromper o comportamento indesejado, a DP interessa-se pelas situações que motivam o comportamento desafiador e, como já vimos anteriormente, tem como premissa fundamental o foco em soluções.

No que concerne à relevância da abordagem positiva nesta escola do futuro, Bezerra e Lima (2020) assinalam que:

Jane Nelsen que fundamentada nas pesquisas psicológicas e humanistas de Alfred Adler e Rudolf Dreikurs criou um conceito de disciplina positiva que hoje em dia é usado por muitos educadores no ambiente escolar, e tem como objetivo que as crianças/estudantes nunca passem por experiências negativas de humilhação quando falham, mas que possam usar a oportunidade de seus erros para a aprendizagem em um ambiente seguro. (Bezerra e Lima, 2020, p. 02).

O excerto supracitado apresenta-nos duas situações distintas. De um lado as experiências recorrentes, nas quais a humilhação surge como consequência de experiências negativas. Do outro, num ambiente de aprendizagem seguro, o erro configura-se como oportunidade de aprendizagem. Deste modo, ao criar o conceito de Disciplina Positiva, Nelsen (2015) objetivou proporcionar às crianças a oportunidade de vivenciar o processo de ensino-aprendizagem em ambientes nos quais para além de serem punidas, e humilhadas por seus erros, estes são compreendidos como oportunidades de aprendizagem.

Os autores salientam ainda a diferença entre a não humilhação e o “deixar a criança fazer o que quiser”, sendo que não é este último o objetivo dessa abordagem. Ao invés de punir com castigos para interromper situações como a de um colega que agride o outro, neste modelo educacional o agressor é convidado a se colocar no lugar do outro e, a partir de então, refletir sobre sua ação. Situações como esta, proporcionam o desenvolvimento da valorosa habilidade da vida que é a empatia.

Ademais, de acordo com Bezerra e Lima (2020), este novo modelo educacional sugere uma nova forma de relacionamento também entre alunos e professores. Vejamos:

Essa perspectiva que a disciplina positiva vem apresentar um novo modelo educacional e afetivo dentro das relações horizontais entre professores e alunos, o uso de suas ferramentas apresenta aspectos positivos inclusos nessas relações. Compreender as emoções das crianças vem como forma indispensável de

acolhimento e respeito no caminho da ótica do positivismo apresentado por Nelsen. (Bezerra e Lima, 2020, p. 04).

Ao ponderar sobre os sentimentos e emoções das crianças, professores são encorajados a refletir sobre a forma de interação que estabelecem com o aluno. Sendo algo pensado e executado desde a acolhida feita com o olho no olho, proporcionada na medida em que o adulto busca colocar-se sempre à altura da criança ao interagir com ela, em outras palavras, um relacionamento horizontal no qual além de modelo educativo, tem-se um movimento também afetivo, no qual o a criança, ser social e sujeito do processo, também é escutada e tem suas necessidades, físicas e emocionais, atendidas.

No que se refere a erro e punição, outra consideração significativa para a DP é a diferença entre castigo e consequência natural. Em *A disciplina Positiva como alternativa a outros modelos de educação* Mariana Cristina da Silva Santos (2018) destaca:

Consiste no modelo de educar com alta firmeza e também alta gentileza, onde a criança não escuta bronca, nem humilhação, mas tudo é resolvido através de diálogos respeitosos e firmes. Há o equilíbrio, com bom senso, entre o limite e o afeto; quando os filhos erram, existem regras e consequências, mas não castigos. A consequência se diferencia do castigo, pelo fato de ser algo natural, e não uma situação imposta pelos pais; as crianças já passarão por frustrações naturais de acordo com as atitudes que tomarem; serão as consequências de arrumar o que bagunçou, limpar o que sujou, secar o que molhou, entre outras coisas, porém, mesmo diante dos erros, tudo é resolvido por meio do diálogo e com respeito e gentileza. (SANTOS, 2018, p. 25).

O trecho supracitado tenciona reflexões acerca de um valoroso componente da DP: a combinação entre firmeza e gentileza. Uma leitura desatenta sobre a teoria de Nelsen pode nos levar a acreditar que ela estimula a formação de crianças desorientadas e sem limites, o que não é verdade.

Como Santos (2018) apontou em seus estudos, neste modelo educacional há um equilíbrio entre limite e afeto, há regras que, quando descumpridas, têm suas consequências, uma vez que, embora não fomente a ideia de castigo, a DP explora a aprendizagem a partir da consequência natural. A título de exemplo, a criança que não arrumou a mochila no dia anterior à aula e que se esqueceu de levar o trabalho que deveria entregar, sofrerá, naturalmente, a consequência deste ato.

E para além deste episódio, ao invés de focarem no erro e falar sobre a irresponsabilidade, pais e professores podem ajudá-la a pensar em estratégias de como se organizar melhor para que situações como esta não voltem a acontecer. Uma consideração

relevante feita por Jane Nelsen acerca da materialidade desta ação é “Você cometeu um erro. Isso é fantástico. O que nós podemos aprender com ele?” (NELSEN, 2015, p. 46).

Em vista disso, ao refletirmos a respeito da relevância da educação socioemocional no ambiente escolar, temos na Disciplina Positiva, segundo Santos (2018)

Um modelo de educação que visa educar com firmeza e gentileza, criando relações sadias entre pais e filhos, crianças independentes e com autoestima elevada, pode contribuir de diversas maneiras na formação de crianças e adolescentes. Tais contribuições ocorrem devido a um conjunto de iniciativas propostas pelo método, a fim de auxiliar na criação dos filhos. (SANTOS, 2018, p. 27).

No trecho acima a autora conclui o que seria para nós o cerne da formação integral proposta pela Disciplina Positiva que, para além da relação entre pais e filhos descrita no fragmento, se estende à relação entre professores e alunos no ambiente escolar. Nesse sentido, a educação socioemocional contribui significativamente para a formação de sujeitos com uma autoestima saudável que, por sua vez, estarão mais propícios a desfrutar de relacionamentos saudáveis uma vez que o relacionamento intrínseco saudável é a chave para relacionamentos extrínsecos também saudáveis.

Em vistas dos argumentos apresentados, a Disciplina Positiva em Sala de Aula surge como uma possibilidade de proporcionar aos alunos uma formação pautada em valores que perpassam a fase escolar. Ao fomentar o desenvolvimento de habilidades de vida, a escola passa a formar cidadãos com autoestima saudável, comprometidos com seu bem estar e também com o do outro, predispostos a atuar na resolução de problemas e não na exposição do problema.

Considerações finais

Percorrer as páginas deste trabalho que ora se constrói, coloca-nos, enquanto educadores, diante de uma nova percepção do espaço educacional, haja vista que a sala de aula dos novos tempos traz à tona outro lado, o lado de dentro. Como vimos ao longo da pesquisa, a Dr^a Jane Nelsen evidenciou através de seus estudos e constatações que é impossível integrar o todo do ser humano sem olhar para seus sentimentos e emoções, para ela, sob um viés socioemocional, a crença de que “eu sou capaz”, é crucial para o processo de formação da uma autoestima saudável.

Nesse sentido, no contexto pós pandêmico, a volta às aulas presenciais deixa cada vez mais clara a real necessidade da tratativa discutida neste trabalho. Durante o processo de ensino-aprendizagem, os alunos, independentemente de sua idade, precisam ser compreendidos em sua

integralidade. E pensar nisso só faz sentido se também os professores se reconheçam como seres integrais, os quais necessitam ter suas necessidades básicas atendidas a fim de que possam dispor de uma vida emocionalmente saudável e equilibrada.

Destarte, na medida em que se compreende os diversos processos de transformação pelos quais a sociedade tem passado, não é possível que a Educação, sobretudo a infantil. Esteja vivendo em um mundo ainda adultocêntrico, no qual as crianças, como animais, são levadas na rédea curta, ouvindo e internalizando frases como “Criança não tem querer!” e/ou “Homem não chora!”.

É também papel da nova escola a promoção de um mundo no qual as crianças circulem seguras, pois sabem que este é o espaço no qual os erros são oportunidades de aprendizagem e não motivo de punição. Outrossim, nesse novo modelo de educação, elas são encorajadas a serem pessoas melhores, visto que desenvolvem habilidades de vida, ou seja, são encorajadas à empatia e à vida em sociedade com o foco na solução de problemas, de modo que não interrompem o mal comportamento apenas para não serem punidas.

Faz -se necessário ainda que, nesse cenário, nos reportemos ainda ao movimento dos Direitos Humanos, o qual nos convida a compreender que o conceito de infância como relativamente novo, sendo fruto do chamado Século das Luzes, do qual Jacques Rousseau é um dos grandes precursores. Ele foi um dos nomes que lutou pela sinalização desse espaço de tempo no qual o ser humano tem o direito de ser cuidado com respeito e dignidade.

Nesse contexto, em consonância com o que é previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a escola precisa ser esse espaço no qual as crianças são educadas para a vida, onde elas aprendam e dominem os conhecimentos acadêmicos, mas que também sejam preparadas para lidar com suas emoções.

Retomamos, nesse ponto, ao conceito de neuroeducação que, pensando a partir dos desdobramentos da neurociência, surge como um ponto de intersecção entre essas áreas de estudo.

Portanto, compreender a maneira como o cérebro funciona e aplicar esse conhecimento no processo de ensino, configura-se como neuroaprendizagem, situação na qual o aluno é estimulado a ter uma visão de mundo mais global, uma vez que quando colocadas no centro do processo, as emoções facultam conexões e sinapses que vão além da velha ideia de “decoreba”.

Diante do exposto, faz-se necessário que nós, enquanto professores, estejamos dispostos a aprender a administrar nossas próprias emoções, uma vez que nos encontramos hoje diante do desafio de ofertar aos nossos alunos uma educação que não recebemos, pautada no respeito à dignidade da pessoa humana.

Essa premissa leva-nos a ver na Disciplina Positiva uma abordagem educacional pautada em valores sólidos, há vista que tem como premissa o desenvolvimento de valorosas habilidades de vida e somente educadas em um ambiente de gentileza firmeza, dignidade e respeito, as crianças poderão adquirir valiosas habilidades sociais e de vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CHAPMAN, Gary e Ross Campbel. **As cinco linguagens do amor das crianças**: como expressar um compromisso de amor a seu filho. Trad. Maria Emília Oliveira. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

LIMA, Lisandra Maria Rodrigues da Silva; BEZERRA, Lisandra Maria Rodrigues da Silva . **Uma breve reflexão de como a disciplina positiva pode auxiliar no processo pedagógico na educação infantil**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA9_ID5727_25082020224429.pdf . Acesso em 10 ago. 2022.

Luan, Felipe Barbosa. **Como o cérebro aprende: contribuições das neurociências à educação sala de recursos**. REVISTA, v.2 n.2, mai - agos. 2021. Disponível em: www.saladerecursos.com.br

MINATEL, ISA. **Temperamentos sem limites**: como conseguir resultados com crianças da raiva e crianças da tristeza. Barueri, SP: Novo Século, 2019.

Neurociências à educação sala de recursos. REVISTA, v.2 n.2, mai - agos. 2021. Disponível em: www.saladerecursos.com.br

NELSEN, Jane. **Disciplina Positiva**. 3ª ed. Trad. Bernadette Pereira Rodrigues e Samantha Schreier. Barueri: Manole, 2015.

NELSEN, Jane. LOTT, Lynn. GLENN, H. Stephen. **Disciplina Positiva em sala de aula**. 4ª ed. Trad. Bete P. Rodrigues e Fernanda Lee. Barueri: Manole, 2017

SANTOS, Mariana Cristina da Silva. A Disciplina Positiva como alternativa aos outros modelos de educação / Mariana Cristina da Silva Santos; Priscila Pires Alves, orientadora. Volta Redonda, 2018.

SIEGEL, Daniel. BRYSON, Tina Payne. **O cérebro da criança**: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar a sua família a prosperar. 1ª ed. Trad. Cássia Zanon. São Paulo: Versos, 2015.

TOKUHAMA - ESPINOSA, T. N. **The scientifically substantiated art of teaching: a study in the development of standards in the new academic field of neuroeducation (mind, brain, and education science)**. 2008. 611 p. Tese (Doutorado em Educação) Capella University, Mineápolis, Minnesota. 2008. Disponível em: <https://pqdtopen.proquest.com/doc/250881375.html?FMT=ABS>. Acesso em: 20 de agosto de 2022

